

01-06-2020

## Que palavra é você?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

No mês de abril, terminei o artigo *A Palavra Tarja ...* perguntando, e você, que palavra é você????

Uma professora amiga, Walney, depois de ler fez questão de me responder imediatamente. Escreveu de forma simples: *sou gratidão ...* Em seguida, me sugeriu, porque não escreve um novo artigo, recheado das palavras que as pessoas usam para descrever quem são. Desafiado por essa possibilidade a primeira coisa que me veio à mente foi um texto fabuloso de Kenneth J. Gergen, psicólogo norte-americano - que conheci quando morei e trabalhei lá - ao questionar: [se as pessoas fossem textos?](#)

Mais do que um desafio esse mergulho em direção ao dicionário que as pessoas são, escrevo *que palavra é você* a partir de um duplo movimento: o primeiro, de me aproximar de pessoas que conheço ou conheci. Ao mesmo tempo, o segundo, o que essas pessoas-texto representam nos dias de hoje, quando experimentamos distanciamentos sociais em virtude do COVID-19. Essa “pequena antologia” de pessoas-texto vem à minha mente não somente como o que eu conheço de cada uma delas, mas também com um significado simbólico e ideológico, como propõe Bakhtin ao abordar a [importância da linguagem](#) como mecanismo que medeia as relações.

As primeiras pessoas que me vêm à mente são os meus pais: ela, técnica de enfermagem, que se afasta da profissão para se dedicar à família. Logo surge em minha mente a palavra *dedicação* como definidora da Dona Yvette; enquanto meu pai, despachante do serviço público, só deixou de trabalhar por ocasião da *expulsória*. Como não acho justo reduzi-lo à expulsão, Seu Ivan é a palavra *paixão*, apaixonado pelo Flamengo, me carregou para cima e para baixo na carcunda em plena geral, talvez a palavra *geraldino também* o definisse. O tempo passa e tenho a grata surpresa de ser selecionado e estudar no Colégio Pedro II, onde conheci pessoas-textos surpreendentes, as professoras Rosalmir (de Matemática) e Sulamita (de Física), que podem ser definidas como mestras *rigorosas*.

Esse rigor me levaria ao pré-vestibular onde conheci *vestibulandos* que frequentavam a *jaulinha*, turma de alunos que se destacavam no Miguel Couto-Bahiense.

Todos me proporcionaram o *prazer* de passar para a Universidade Federal Fluminense, onde cursei Medicina, um *sonho* de criança. Cada um desses movimentos, de aproximação e afastamento, trazem doces lembranças, que transformariam a minha vida pessoal em uma carreira no setor *público*, local no qual sempre identifiquei a presença do meu DNA. Apesar de ter tido a oportunidade de trabalhar no setor privado, isso não falava ao meu *coração*. No campo da Neurologia, conheci uma pessoa a quem,

particularmente, dedico esse texto, James foi o maior e o melhor *mentor* que eu poderia ter conhecido na UFRJ.

Com ele e outro colega publiquei meu primeiro artigo internacional em uma Revista Francesa. A partir dali, a vida me levaria para trabalhar com pessoas-texto fora do Brasil, nos Estados Unidos, no Canadá, no Japão, no Camboja, na Costa Rica. Estas pessoas me apresentaram o que era ser *inovador*. Através de David Justice conheci o *amor* pelo campo da deficiência; pela Pat Gerke reconheci a *militância*; com Dori e a saudosa Mariah conheci, respectivamente, as palavras *cuidado* e *gestalt*; com a Chiyoko a importância de ser *leal* e com AI, o significado da palavra *empatia*. Antes das aventuras fora do país, fui admitido no Hospital onde tive a *honra* de conhecer de perto a Dra. Nise da Silveira, que me explicou o que é ser *afeto* catalisador; conheci Carlão e o que é ser *politicamente* correto, e com uma *equipe* maravilhosa encontrei na Rádio Revolução FM - que ajudei a fundar - a razão de ser *louco por você*. Tantas palavras, com significados tão diferentes para mim e para cada uma dessas pessoas, tenho certeza.

Do lado de fora do hospício conheci a *loucura suburbana*, convivi com Renato, ACM e Tais, e junto com a *garra* da Priscilla, Alzira e Conceição, Severino e muitos outros, transformamos os corredores do Centro Comunitário em um lugar de *festas* e *abraços*. Hoje, ao conviver à distância com alguns personagens da *triste história* do nosso país, infelizmente, tenho a nítida sensação, de que estamos todos em um *sanatório geral*, gradativamente, transformado de forma *cruel*, em um *E daí?* E eu me atrevo a continuar perguntando: que palavra é você? Porque me recuso a acreditar que não existam mais pessoas *gratas*, *dedicadas*, *prazerosas*, *loucas por alguém*, *politicamente corretas*, *mentores* cujo *afeto* é capaz de se abrir em forma de *festas* e de *abraços*, tornando o nosso dia de hoje em *cuidado* e *paixão*, com aquela *garra* pelo trabalho no setor público, que me parecem três palavras - trabalho, setor, público - meio que esquecidas nessa loucura toda. O dia de hoje é uma outra coisa, deixou-se cercar pelos muros do *sanatório geral*, e de maneira perversa e *cruel*, é capaz jogar *friamente* na cara de tantas (maravilhosas) pessoas-texto do país, uma expressão que envergonha a todos. Aquele *E daí*, vai marcar a trajetória de nossa história recente, mínima frase que não consegue ser definida pelo que György Lukács\* julga ser o *estranhamento ...* Mas a expressão *E daí* não se traduz e para mim não faz o menor sentido. Não vejo nada que nos consiga explicá-la, nem tampouco o *estranhamento* lukácsniano. Acredito que nem mesmo a palavra *distopia*, pois no momento, tudo nos parece fora de lugar, até as pessoas-sem-texto. Temos uma vaga ideia do que é ser uma *pessoa-sem-texto*? Acho que sim, mas isso, infelizmente, vai ficar a cargo da história: registrar *que palavra é você!!!*

*Alguém*, por favor, pode me explicar ou responder? ■ ■ ■

\* György Lukács - In: *Distopia, estranhamento e deformação do indivíduo* - In: [revistas.uece.br/article](http://revistas.uece.br/article) (*Vilson Aparecido da Mata & Leonardo Coutinho*)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.